

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Pará  
Belém-Pará- Brasil



---

Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p. 502-520

ISSN: 2237-0315

---

### **Hermenêutica e Arquitetura: contribuições para formação de professores**

*Hermeneutics and Architecture: contributions to professors training*

Josicler Orbem Alberton

Patrício Ceretta

Luiz Gilberto Kronbauer

Valeska Maria Fortes de Oliveira

**Universidade Federal de Santa Maria – UFSM**

Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

#### **Resumo**

O presente artigo visa contribuir com as reflexões na Educação através de uma discussão sobre arquitetura, como vestígio do habitar do homem no mundo, e apresenta como fundo teórico o conceito de *Experiência Estética* (GADAMER, 2015) e o de *Mímesis* (RICOEUR, 2010). Pretende mostrar o valor da arquitetura como um lugar potente para se discutir a formação de professores (pelo cotidiano) porque, além de propiciar vivências, apresenta-se como um convite a interpretações. Esta abertura à interpretação (hermenêutica) vai ao encontro do conceito de formação como trajetória reflexiva de cada ser humano – em diálogo com os outros num mundo-linguagem – onde a arquitetura pode ser disparadora do processo formativo.

**Palavras chaves:** Formação de professores. Hermenêutica filosófica. Arquitetura.

#### **Abstract**

This article aims to contribute to the reflections on Education through a discussion about Architecture, as a vestige of the inhabiting of man in the world. It presents as theoretical background the concept of Aesthetic Experience (GADAMER, 2015) and the concept of Mimesis (RICOEUR, 2010). It intends to show the value of architecture as a potent place to discuss professors training by everyday life, because the architecture, in addition to providing experiences, it is always open to interpretations. This invitation to interpretation (hermeneutics) meets the concept of formation as a reflexive trajectory of each human being – in dialogue with others in a world-language – where architecture can be a trigger for the formative process.

**Keywords:** Professor training. Philosophical hermeneutics. Architecture.

## **1 Arquitetura como possibilidade de formação**

Paul Ricoeur (2002) escreveu um artigo intitulado *Arquitectura y Narratividad* para um dossiê sobre arquitetura e hermenêutica, publicado pela revista *Arquitectonics*, da *Universitat Politècnica de Catalunya, UPC*. Inspirados neste texto e nas relações que este autor constrói com o conceito de *Mímesis*, ao escrever que a arquitetura é para o espaço o que a narrativa é para o tempo, apresentamos este artigo que tem como mote destacar a arquitetura<sup>1</sup> como potência para a área da educação. No intuito de avançar para além da *Tríplice Mímesis* e sua relação com a arquitetura, traremos o conceito de *Experiência Estética*, de Gadamer (2015), para compreendermos a formação – a possibilidade do formar-se, como professor e/ou como estudantes – e a arquitetura, por sua vez, figura como lugar privilegiado para o acontecer da *Experiência Estética*.

Vale destacar que no presente texto não discutiremos sobre escolas arquitetônicas, tempos históricos, modos de conceber projetos, nem mesmo sobre a qualidade de alguns lugares em detrimento de outros. Nossa abordagem da arquitetura encontra seus fundamentos em Heidegger (2015): a arquitetura como vestígio do habitar, como marca deixada no mundo pela presença do ser-no-mundo.

O espaço só pode ser concebido recorrendo-se ao mundo. Não se tem acesso ao espaço, de modo exclusivo ou primordial, através da desmundanização do mundo circundante. A espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita à sua constituição fundamental de ser- no- mundo (HEIDEGGER, 2015, p. 168).

Nesse sentido, a arquitetura está colocada no mundo e é presença no cotidiano. Habitar e construir fazem parte da história do homem e do seu modo de ser-no-mundo. Tanto os arranha-céus luxuosos de Dubai quanto as cabanas rudimentares de tribos nômades expressam o ato de construir e também o modo de o ser humano estar-no-mundo, com-o-mundo e com os outros. Sob esse aspecto, a arquitetura é democrática e todos os seres humanos trazem em suas lembranças espaços, lugares de transição ou permanência, dos quais se lembram com afeto ou com terror. Estas memórias remetem a vivências arquitetônicas e tal fato traz a nosso entendimento que a arquitetura, assim como as narrativas, pode desempenhar um papel significativo no processo de formação

de professores, dada a capacidade que tem de nos fazer acessar lembranças tornando-as conhecimento.

Segundo o arquiteto suíço Peter Zumthor (2009), as imagens que trazemos da infância, sobre os espaços que vivemos, são muito profundas e configuram-se como nossas primeiras lições de arquitetura. Quase sempre suscitam imagens de uma arquitetura do passado cheia de mistérios e que desperta nostalgia.

Recordo o barulho do seixo sob os meus pés, o brilho suave da madeira de carvalho encerado nas escadas, ouço a porta de entrada pesada cair no trinco, corro ao longo do corredor sombrio e entro na cozinha, o único lugar realmente iluminado nesta casa [...]. Tudo nesta cozinha era como nas cozinhas tradicionais costumava ser. Não havia nada de especial nela. Mas talvez esteja tão presente na minha memória como síntese de uma cozinha precisamente por ser de uma forma quase natural apenas cozinha. A atmosfera desta sala associou-se para sempre à minha imagem de cozinha (ZUMTHOR, 2009, p. 7).

Este autor (p.36), baseado em um ensaio de Heidegger (1954) intitulado "Construir habitar pensar" (*Bauen Wohnen Denken – IN: Vortrage und Aufsätze -1951*) coloca que nunca nos encontramos num espaço abstrato, mesmo quando pensamos. Há sempre um mundo real que é balizador. Vivemos e pensamos nos lugares e dentro dos espaços e a relação para com estes baseia-se no habitar. É um olhar mais cuidadoso para este habitar no mundo, pela vivência cotidiana da arquitetura, que apresentamos neste trabalho como um convite para a reflexão sobre a formação, sobre ser e formar-se professor. Esse processo formativo pode acontecer tanto quando olhamos para o passado – por meio de nossas lembranças, revisitando na memória o que foi visto, vivido e experimentado – como quando olhamos para o futuro com a expectativa pelo que está por vir – através do que está sendo descoberto, construído ou idealizado através do conhecimento.

Nesse contexto, organizamos o texto, que segue abaixo, em cinco momentos. O primeiro traz a *Tríplice Mímesis* de Paul Ricoeur e o segundo apresenta as relações que este autor constrói entre o conceito e a arquitetura. No terceiro momento, o conceito da *Mímesis* (Ricoeur) e o da *Experiência Estética* (Gadamer) são enfatizados, com o intuito de apresentar a circularidade da compreensão – na hermenêutica – como um convite para a formação a partir da arquitetura como um caminho potente, factível e democrático. Por fim, o quarto momento destaca as possíveis contribuições da

hermenêutica, no horizonte da arquitetura, para a formação de professores e o último item apresenta algumas considerações sobre o que foi tratado no texto.

## **2 Tríplice Mímesis: narrativas**

Iniciamos nossas reflexões com a obra “Tempo e Narrativa” de Paul Ricoeur, de modo particular o tomo I “A intriga e a narrativa histórica”. Segundo o autor, existimos dentro do tempo, mas o tempo só existe graças a nossa narrativa, somos nós que o tornamos humano. No entanto, o autor escreve que “[...] há como que um círculo vicioso entre o ato de narrar e o ser temporal” (RICOEUR, 2010, p. 96) e esclarece esta afirmação dizendo que “[...] a análise é circular é algo incontestável. Mas que o círculo seja vicioso pode ser refutado, [...] prefiro falar de um espiral sem fim que faz a mediação passar várias vezes pelo mesmo ponto, mas numa atitude diferente” (RICOEUR, 2010, p. 124).

Se de fato as narrativas se dão a partir de um discurso que preferimos, o que chamamos de tempo precisa ser compreendido; essa compreensão sempre terá que ser necessariamente em relação ao que já passou (memória) ou ao que está para vir (esperança, expectativa). O que chamamos tempo presente (o que vemos) parece não existir, pois está entre a profundidade de um passado que já passou e um futuro que ainda não chegou e chegará se continuarmos existindo, caso contrário, existirá apenas para os outros.

A reflexão fica mais complexa quando percebemos que o “tempo está na alma humana” e que este, basta-se a si mesmo. Destarte, se compararmos o tempo com o conceito de eternidade, segundo Ricoeur (2010, p. 42), há três implicações: a primeira porque o tempo tem limite, a segunda porque ele pode ser experimentado somente na existência e a terceira ocorre pelo fato de que a compreensão retilínea do tempo precisa ser deixada de lado uma vez que esta experiência é circular e aberta (em espiral). Assim, a existência da eternidade não é problema para o autor, mas sim o modo de sua existência.

Vemos os traços do tempo, por exemplo, em uma edificação, contemporânea ou antiga. Podemos perceber nela as marcas do tempo, para que serviu, o estilo arquitetônico, o formato, as texturas, os materiais utilizados ou reutilizados. Quais concepções de mundo e sociedade estão aí impressas; o que se pretende comunicar,

expressar, com a forma que se escolheu. E quando falamos de tal edificação as vivências que foram experimentadas neste espaço também devem ser levadas em conta – sobre isso escreveremos mais adiante.

Neste sentido, para melhor compreender as questões colocadas, faz-se necessário entender a distinção que Paul Ricoeur faz sobre cada *Mímesis* da Tríplice e como elas contribuem para que o Círculo Hermenêutico funcione e dê consistência ao “tempo e narrativa”, que vai do campo prático ao teórico e do teórico ao prático.

Permitam-me lembrar uma vez mais que nosso interesse pelo desdobramento da *mímesis* não é um fim em si mesmo. A explicação da *mímesis* continua subordinada até o fim à investigação da mediação entre tempo e narrativa (RICOEUR, 2010, p. 22).

Para entendermos a tríplice compreensão hermenêutica, precisamos ter presente que Paul Ricoeur apoia sua reflexão em duas obras específicas, mesmo que os autores possuam muitos anos de diferença. A primeira diz respeito as “Confissões” de Santo Agostinho (2002), de modo particular, o livro XI que aborda a imbricação da questão do tempo interior, e é desta obra que partem suas reflexões, ou seja, a percepção de tempo parte de nossa interioridade. A segunda referência é “A Poética” de Aristóteles (2005), que aborda o tempo mais no sentido cronológico. Essas duas obras, respectivamente, são a base para discutir a questão do tempo sob a ótica subjetiva – tempo da alma – e sobre o aspecto cronológico – tempo das horas, dos dias, dos anos – da temporalidade da própria existência.

Neste contexto, podemos entender por *Mímesis I* tudo aquilo que representa a ação, prefigura o campo prático, aquilo que não foi narrado que está no campo da observação, sobre a qual o autor escreve:

[...] o sentido da *mímesis I*: imitar ou representar a ação é, em primeiro lugar, pré-compreender o que é o agir humano: sua semântica, sua simbólica, sua temporalidade. É nessa pré-compreensão, comum ao poeta e ao seu leitor, que se delinea a construção da intriga (trama) e, com ela, a mimética textual e literária (RICOEUR, 2010, p. 112).

Assim entendida, a *Mímesis I* se refere a tudo aquilo que ainda não foi explorado, uma prefiguração do que há de ser objetivado, expressado, possibilidade de separar as coisas conceitualmente. Faz-se necessário um período de assimilação e de observação da realidade para compreendê-la corretamente, esse processo acontece por mediação da

intriga, ou seja, um tensionamento entre o que se conhece e aquilo que estamos por conhecer no âmbito do mundo prático.

Já a *Mímesis II* vai além da *Mímesis I*, uma vez que ela já não quer só conhecer, mas a sua preocupação é com configuração textual, registrar para o leitor aquilo que com muita cautela foi observado, sua função básica é mediar, não de maneira passiva e inerte, mas dinâmica e ativa. A *Mímesis II*, para Ricoeur, tem função mediadora por três argumentos básicos. O primeiro se refere ao fato de mediar os acontecimentos individuais e aquilo que conhecemos como história, o que é mais universal, que está para além do individual. O segundo argumento diz respeito a catalisação e organização dos elementos heterogêneos, prefigurando as informações e por fim, o terceiro é porque ela junta os diferentes episódios históricos de maneira a fazer uma síntese, é configurante.

É essa variedade de aplicações que confere a uma história à uma imaginação produtiva e que, fazendo contraponto com a sedimentação, torna possível uma tradição normativa. É este o último acréscimo que enriquece a relação de narrativa com o tempo no nível da *mímesis II* (RICOEUR, 2010, p. 122).

Neste contexto, a *Mímesis I* e a *II* formam a base necessária para formulação da *Mímesis III*, que, por sua vez, tem a função de unir as duas anteriores, refigurando aquilo que foi observado, pré-compreendido e escrito, narrado dentro de seu tempo ou posterior ao acontecimento; é a objetivação da trajetória, o encontro da escrita com os seus leitores/espectadores. Marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, portanto, entre o mundo configurado pelo poema e o mundo na qual a ação efetiva se desdobra em uma temporalidade específica (RICOEUR, 2010, p. 123).

Essa última etapa do Círculo Hermenêutico é muito significativa, pois adentra naquilo que a tradição oral não dá conta, ou seja, a memória histórica oral se mantém enquanto que tiver pessoas que vão narrando as histórias. Essa etapa propõe um encontro com o leitor de maneira mais elaborada e dá condição para que, em qualquer tempo e lugar, a experiência em questão seja revisitada. Apesar do círculo ser acusado de vicioso, por uma questão de “violência” interpretativa ou por “redundância”, não podemos esquecer o que já expomos acima, que o círculo é espiral e, por conseguinte, que há sempre um crescimento das compreensões.

Esta última etapa do Círculo Hermenêutico, a *Mímesis III*, reverbera no conceito de Experiência Estética, de Gadamer, porque significa abertura, convite ao desconhecido, que encontra como possibilidade, como um campo fértil, o cenário da arquitetura. Ao entrarmos em contato com edifícios, ou com cidades, podemos ter uma Experiência Estética, uma suspensão no encontro com o desconhecido, assim como acontece quando nos deparamos com um texto que nos surpreende, que desconstrói nossas verdades. Segundo Gadamer (2015, p. 116), “A experiência estética não é apenas uma espécie de vivência ao lado de outra, mas apresenta uma forma de ser da própria vivência”. As vivências nos convidam a novas observações, que podem provocar novos registros e novos entendimentos, fazendo assim o círculo espiral hermenêutico girar, reconfigurando nossas próprias compreensões e nossa vida.

Não podemos desprezar o papel da memória que Paul Ricoeur (2007) vai desenvolver melhor na obra “A Memória, a História, o Esquecimento”. A memória tem a pretensão bem específica, fidelidade as coisas que já passaram. “Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar” (RICOEUR. 2007, p. 40). Exatamente por esse motivo, a arquitetura é uma forma bem confiável tanto de fazer memória como de ativar as lembranças, uma vez que possuímos uma materialidade a nossa frente. É importante destacar aqui que não estamos levando em conta as vivências feitas naquele espaço específico, pois tais vivências nos dariam outras tantas coisas a discorrer.

### **3 Tríplice Mímesis: arquitetura como narrativa**

Para Ricoeur (2002), a arquitetura é para o espaço o que um relato, uma narrativa, é para o tempo<sup>ii</sup>. Assim, este autor vê a possibilidade de cruzar tempo e espaço por meio dos atos de narrar e de construir, no sentido de que a arquitetura tem a capacidade de trazer para o presente o que existiu através do que já não existe. Numa dialética entre memória e projeto, Ricoeur estabelece relações entre o conceito da Tríplice *Mímesis*, do tempo narrativo, com a arquitetura e o espaço construído.

Neste sentido, o tempo do relato e o espaço da arquitetura não se limitam a uma fração do tempo universal ou do espaço geométrico. O tempo do relato é um ponto de

ruptura entre o tempo físico e o psíquico, é uma mescla entre tempo vivido – tempo interior, aquele de Santo Agostinho – e tempo do relógio – cronológico –, assim como o espaço construído é uma mescla entre lugares de vida – que envolvem o corpo vivente – e o espaço geométrico. Portanto, é no momento do presente que existe o entrelaçamento do tempo narrado com o espaço geométrico.

Deste modo, é possível encontrar a *Tríplice Mímesis* também na arquitetura. A primeira fase, a da Pré-configuração (o relato de vida no cotidiano), está vinculada ao ato de habitar; a segunda fase, a Configuração (o tempo relatado) está no ato de construir; e a terceira fase, a Reconfiguração (leitura, releitura, nos registros fotográficos e outras formas de expressão do construído e habitado), encontra-se na releitura de nossas cidades e de todos os lugares que habitamos.

Quanto à Pré-configuração, antes de qualquer projeto arquitetônico, antes de qualquer construção, o homem habitou (habitar é estar dentro, no aconchego, envolvido em). Habitar é uma necessidade vital do homem e há nesta instância um sentido pré-arquitetônico que depende do mundo da vida. Movimentar-se, fixar-se, são ações primordiais do homem. Toda história de vida se desenrola em um espaço de vida, na casa ou na cidade (o lugar em que a gente se recolhe para o repouso e do qual saímos para buscar o necessário).

Um relato é uma inscrição de ação no curso das coisas e também marcação no espaço de acontecimentos que afetam a disposição espacial das coisas. Há um intercâmbio de memórias, sucedidas em lugares, que configura um espaço-tempo relatado e construído na história.

A segunda fase da narrativa, a Configuração, é aquela em que o ato de narrar se libera do contexto da vida cotidiana e penetra no campo da literatura. Um relato só é possível na construção de um trabalho reflexivo sobre o que ocorreu. Para Ricoeur (2002) o fazer arquitetônico é uma síntese espacial do heterogêneo, assim como uma narrativa é uma síntese temporal do heterogêneo. Cada edifício apresenta em sua construção a memória petrificada do edifício que se está construindo e o espaço construído é também tempo condensado. Assim, uma obra arquitetônica é sempre uma mensagem polifônica oferecida a uma leitura.

Na Configuração, há sempre historicidade porque cada novo edifício surge entre outros edifícios e esta trama contextualiza cada novo edifício. Do mesmo modo que cada escritor escreve segundo ou contra algo, cada arquiteto se determina em relação com uma tradição estabelecida. Cada novo ato configurador projeta novas maneiras de habitar que se integram nas histórias de vida do passado.

Na Configuração, o ato de construir é destaque, na forma de projeto arquitetônico, e na Reconfiguração, na *Ill Mímesis*, o protagonista é o indivíduo que vivencia a edificação, com suas próprias expectativas que são confrontadas com a proposta de sentido da própria edificação. No que concerne ao construído, há sempre a possibilidade de ler e reler nossos lugares de vida a partir de nossa maneira de habitar.

Segundo Ricoeur (2002), todos os projetistas deveriam aprender que há sempre um abismo que separa as regras da racionalidade de um projeto das regras da receptividade do público. O ato de habitar envolve sempre necessidades, mas também muitas expectativas, e o morar, o uso genuíno da edificação, é o que realmente a conserva. Da mesma maneira que a recepção de um texto literário é uma leitura plural, a apreensão de um edifício, ou monumento, implica em uma atenta releitura do entorno urbano, uma contínua aprendizagem na justaposição de estilos e de histórias de vida. Assim, apreender uma edificação é também organizar elementos heterogêneos, por meio de um encontro do outro e do mundo com o indivíduo e sua sensibilidade estética, seu jeito único de ver o mundo atrelado a uma gama de acontecimentos individuais.

São memórias de épocas diferentes que se vêm recapituladas e reservadas nos lugares onde estão inscritas. São rastros, testemunhos atualizados de um passado que não é mais, mas que foi um dia. Segundo o autor, há uma competição entre dois tipos de memória, tanto na leitura de um objeto construído quanto na de um texto literário. Uma memória-repetição, onde nada vale tanto quanto o que já é conhecido e onde o novo é sempre odiado, e uma memória-reconstrução, onde o novo é acolhido com curiosidade e com vontade de reorganizar o antigo. Desfamiliarizar o que é familiar e familiarizar o que não é familiar é uma proposta de leitura plural para nossas cidades e este trabalho é sempre de memória.

Para exemplificar, Ricoeur cita as ruínas da Europa da metade do século XX que não são simplesmente monumentos perdidos, nem vidas perdidas, mas são também

épocas perdidas onde o que se perdeu são também as antigas maneiras de entender as coisas. É o que acontece quando o lugar em que vive uma comunidade tradicional, com sua cultura etc., é, de repente, ocupado por uma atividade econômica exploratória que modifica a paisagem e a atividade cotidiana das pessoas.

Nesta complexidade, há que se admitir que sempre haverá coisas inexplicáveis na leitura de nossas cidades e edifícios. Assim, por meio de um processo hermenêutico, podemos entender a história ali representada e ressignificar no presente o que em tese teria perdido sua função originária, mas que mantém, em seu núcleo/memória, uma riqueza muito grande de conteúdos necessários ao processo de conhecimento e formação. A arquitetura assim, como vestígio do homem no mundo, pode contribuir para a formulação de novas configurações hermenêuticas, trazendo sempre outros elementos para ampliar o conhecimento.

#### **4 Círculo Hermenêutico e Arquitetura**

A relação entre a *Tríplice Mimesis* de Paul Ricoeur e a questão da arquitetura é relevante para o processo de formação de professores, à medida que a arquitetura pode oferecer vários elementos que ajudam no processo de ensino-aprendizagem. Uma edificação guarda muita história em sua trajetória, desde as ideias do projetista que a idealizou, registradas nas escolhas dos materiais e definições de escalas, por exemplo, até as vivências e as experiências de quem nela habitou. Há sempre história, a ser descoberta e contada, e espaço, a ser sonhado e vivenciado.

É claro que não basta ter uma aula num lugar antigo, histórico ou recém edificado, se não aproveitar desses momentos para ativar as memórias e as lembranças que o referido lugar evoca. Esta ativação é o que possibilita transformar memórias em conhecimento e quiçá sabedoria; mais ainda, essa ativação das memórias é que faz o círculo hermenêutico girar, através da prefiguração, configuração, reconfiguração. Sob essa ótica, a arquitetura se apresenta como uma ferramenta potente para formação, assim como uma obra de arte pode provocar no observador um processo hermenêutico, um processo de compreensão do mundo e de si mesmo, uma Experiência Estética.

A experiência estética é uma experiência da verdade no sentido de que aquilo que não está explicitado, que está oculto, também constitui nossa subjetividade e nossa relação com o mundo. Ou seja, ela descobre uma dimensão da realidade que se subtrai à fixação estabelecida pelos processos de conhecimento. A

consideração da aparência torna a realidade mais rica e indica os limites de qualquer concepção de mundo. É nessa aparência que se dá o que é indeterminável prática e conceitualmente. O caráter momentâneo da aparência joga todos os nossos sentidos para o presente (HERMANN, 2010, p. 45).

Assim, a Experiência Estética repercute no sujeito, internamente, e não pode ser repetida, é única. Segundo Hermann (2005), a experiência diante de uma obra de arte pode revelar o ser, ampliar nossa autocompreensão, causar repercussões que dizem respeito também às questões éticas de formação do sujeito. Ao reconhecer a pluralidade da vida estética, a educação pode beneficiar-se de novas configurações de sentido que a estética promove, sem abrir mão dos princípios éticos que regulam a vida social. Segundo esta autora, a formação do sujeito ético encontra na experiência aberta da estética momentos do livre jogo da imaginação que podem levar ao aperfeiçoamento do homem no que diz respeito ao colocá-lo em um processo de revisão, de reflexão sobre a vida.

A estética atua pelo estranhamento que provoca diante da normalização da moral, pois pode colocar em questionamento leituras restritivas que carecem de revisão histórica, como nossas interpretações de dignidade humana. Desse modo, atua numa dupla dimensão: em primeiro lugar, contribui para desenvolver a sensibilidade para as diferenças de percepção ou de gosto, auxiliando na contextualização de princípios éticos com uma força que o cognitivo não consegue produzir; e, em segundo lugar, cria condições para o reconhecimento do outro, evitando os riscos da uniformização diante do universalismo (HERMANN, 2005, p. 72).

Esta abertura, este convite à reflexão sobre a vida, vai ao encontro da concepção de Círculo Hermenêutico como espiral, presente nos textos de Paul Ricoeur, uma vez que este círculo gira à medida que o indivíduo faz a vivência da *Tríplice Mímesis*, descrita neste trabalho, pois o conhecimento se refaz através das lembranças e das memórias de um tempo histórico, a cada nova compreensão feita sobre determinado assunto – em nosso caso, a arquitetura e a formação de professores – o caminho da compreensão é refeito. É como visitar aquele conhecimento, só que agora de maneira mais ampliada, ou de um outro lugar, pois agregaram-se vivências e experiências.

Só conseguimos narrar essas experiências dentro do tempo, seja ele interior ou cronológico; dessa forma, Ricoeur diz que esse movimento faz o círculo hermenêutico girar. Exatamente porque ao narrar estamos nos autocompreendendo dentro do tempo histórico que estamos vivendo e a condição de compreensão é ontológica.

Importa, contudo, realçar que no fundo do projecto filosófico e hermenêutico de Ricoeur (toda a filosofia é hermenêutica) se encontra sempre a mesma preocupação central e perene: a preocupação antropológica. Compreender o homem, quem somos e quem sou, na nossa historicidade. Assim, a hermenêutica não é só um trabalho de procura e apropriação do sentido dos textos, dos símbolos ou da acção, na dimensão temporal de uma narrativa, mas, sobretudo, um trabalho de compreensão de nós próprios e do mundo em que vivemos, daí o projecto de uma Hermenêutica Antropológica ou de uma Antropologia Hermenêutica (FONSECA, [2009], p. 3).

Dessa maneira, a compreensão do Círculo Hermenêutico proposta por Gadamer nos ajuda a também a entender qual o papel da arquitetura na formação de professores, de diferentes áreas. Gadamer (2015, p. 300) lembra que o círculo hermenêutico acontece devido a uma compreensão prévia do fenómeno que temos. Desta maneira, compreender não é algo subjetivo mas que leva em conta os sentidos e por consequência, a tradição: “A antecipação de sentido, que guia a nossa compreensão de um texto, não é um ato de subjetividade, já que se determina a partir da comunhão que nos une com a tradição” (GADAMER, 2015, p. 388).

Este autor indica de modo particular a compreensão de textos, no entanto, essa mesma lógica pode ser aplicada a arquitetura, uma vez que ela traz em sua expressão muitos conhecimentos e elementos que precisam ser interpretados, compreendidos, decodificados como toda a obra de arte. Para este autor, “a mais distinta e a mais extraordinária forma de arte que podemos colocar sob este critério é a arquitetura” (GADAMER, 2015, p. 220) se levamos em conta a finalidade de sua existência e o lugar que ocupa no todo de uma conjuntura espacial.

Porém, para Gadamer, não podemos considerar obra de arte qualquer arquitetura, mas somente aquela que “realiza plenamente sua finalidade, quanto introduz algo novo no espaço visual urbano ou rural onde é erigida”. O autor destaca que uma construção que compromete a paisagem, por exemplo, não pode ser considerada obra de arte; ao mesmo tempo que um edifício não pode ser reduzido somente a uma obra de arte porque se integra ao contexto da vida pela destinação prática e não pode separar-se dela sem perder algo da sua própria realidade. A arquitetura é uma “integração pétrea”, do antes e do agora, que arrasta-se pela “torrente histórica da vida”.

O significado especial que a arquitetura tem para o nosso questionamento reside no fato de que, também nela, podemos ver aquela mediação, sem a qual

uma obra de arte não possui verdadeira atualidade. Mesmo onde a representação não ocorre primeiramente em virtude da reprodução [...], a obra de arte propicia uma mediação entre passado e presente. O fato de cada obra de arte possuir seu mundo não significa que, uma vez mudado seu mundo original, já não possa ter a realidade a não ser numa consciência estética alienada. Isso é algo sobre o que a arquitetura pode nos ensinar, já que nela sua pertença a um mundo é uma marca indelével (GADAMER, 2015, p. 221).

Isto faz com que a arquitetura abranja todas as demais formas de representação, abarque o conjunto de todas as artes porque é conformadora do espaço e é o espaço que recebe todos os entes, e como arte configuradora opera tanto na conformação como na liberação do espaço. Ao mesmo tempo que retém o observador pelos seus detalhes, ornamentos, pode remetê-lo, transportá-lo a outros lugares porque mesmo que seus traços se submetam a um modo de vida não encontra um fim nela mesma.

Assim, pela arquitetura, conseguimos visualizar o círculo hermenêutico e a possibilidade de uma espiral da compreensão, tanto pela *Tríplice Mímesis*, como convite à interpretação, quanto pela Experiência Estética, como abertura. E neste movimento entre perguntas e respostas, entre idas e vindas, o homem é capaz de formar-se, no contato com o outro e com o mundo.

### **5 Possíveis contribuições da Hermenêutica, no horizonte da Arquitetura, para a formação de professores**

Desde o início deste trabalho, pelo escopo teórico da Hermenêutica Filosófica, procuramos construir algumas perguntas/respostas acerca do formar-se professor, por meio de uma valorização da presença cotidiana da arquitetura com o objetivo de construir, ao longo do processo, outros sentidos, vislumbrar novos lugares para a discussão sobre formação como processo de revisão e de reflexão constante do sujeito sobre a vida.

Nesta abordagem reflexiva, a hermenêutica auxilia no processo do conhecimento de si, no autoconhecimento. Aliás, muitas das dificuldades encontradas pelos professores na sala de aula acontecem não por falta de domínio de conteúdo, ou de técnica, mas por falta de conhecimento de si próprio, de sua própria história e constituição, alcances e limites, fragilidades e potencialidades. Podemos dizer assim que a hermenêutica pode ampliar nossa percepção da realidade ao mesmo tempo que é

acolhedora, receptiva e não espera perfeição, somente acertos, porque considera os limites impostos pela vida ao homem.

Por sua vez, a arquitetura como obra de arte configuradora do espaço, por onde circulam os entes, aponta para além dela mesma, para além daquilo que está visível e palpável, e, como toda obra de arte, não se limita a uma interpretação individual particularizada porque está sempre aberta a uma leitura plural. Assim, a arquitetura é um convite para a leitura de nossos lugares de vida e o leitor, o indivíduo, é o protagonista que pode acolher com curiosidade o que lhe é, a cada encontro, apresentado.

Esta abordagem da arquitetura convida o sujeito a estar presente com a atenção voltada para o espaço. Imaginamos, como exemplo, uma turma de estudantes com o seu professor que em determinado dia recebeu uma visita que convidou a todos para olharem, para observarem texturas, materiais, e para questionarem de onde veio tudo aquilo, qual o caminho que cada pedra fez antes de compor cada parede. E neste contexto onde madeira, pedra e cimento podem ter muito o que falar um estudante lembrou da aula de história, outro do cheiro do corredor da casa dos avós, e naquele tempo e lugar, todos foram convidados a reler e redescobrir aquela edificação que os recebeu, todos os dias, aparentemente calada.

E nestas paradas pode haver crescimento de compreensão, em espiral, porque há sempre revisão com reconstrução de conhecimento. Assim, a arquitetura, sob o viés da hermenêutica, pode contribuir para o processo formativo, pois possibilita a interpretação da realidade que nos cerca e a formulação de novos significados, a cada tempo histórico e a cada imersão no universo do conhecimento. Estamos em constante mudança que ocorre entre o compreender e o interpretar e que pode revelar aquilo que antes estava escondido, seja sobre si mesmo ou um edifício em questão.

A arquitetura como obra de arte propicia o encontro, tão importante para a hermenêutica. É um encontro histórico, imerso na tradição, que nos convida a dialogar com o outro e com o mundo e a construir novos sentidos, a encontrar novas maneiras para nosso ser-no-mundo. É sobre este encontro com os outros que Hermann (2010, p.117) escreve que na prática educativa, quando a ideia de formação é atrelada exclusivamente a uma racionalidade científica, pode se estabelecer um risco de relação

autoritária e violenta. O outro precisa seguir determinações, que não passaram por seu reconhecimento e tal forma de proceder não reconhece a alteridade.

No campo hermenêutico, o correlato da experiência do tu é a consciência histórica. Ela sabe da alteridade do outro e do passado, que produz efeito em nós. A consciência histórica cria as condições reflexivas para a produção de um mundo comum, que não seja apenas um modo do sujeito sobreviver, mas que tenha sentido, que estabeleça vínculos entre o mundo e o eu. Os pressupostos desse mundo comum, porém, são constantemente revistos pelas novas experiências (HERMANN, 2010, p. 118).

Assim, trouxemos neste artigo a ideia de que o professor pode forma-se a si mesmo em um movimento de compreensão e que a arquitetura pode desencadear um processo educativo pela experiência hermenêutica, “que não apenas nos leva a uma apropriação reflexiva de nosso eu, mas também pode nos levar a rejeitar determinadas interpretações de mundo, numa recriação de sua relação com o mundo” (HERMANN, 2010, p. 118).

Conjuntamente à transformação de si, a consciência histórica, enquanto alteridade, nos interpela, abre perspectivas e projeta a possibilidade de sermos contrários à mera superficialidade e adaptação ao mundo. Aqui também está presente o momento não controlável da formação (HERMANN, 2010, p. 119).

Neste contexto pode-se compreender que, como modo de habitar e como Experiência Estética do mundo, a vivência da arquitetura, na consideração das *Mímesis I, II e III*, é um convite à reflexão sobre o que fazemos de nós, sobre como nos tornamos o que somos; um convite para olhar para o nosso modo de estar no mundo e de nos relacionamos com os espaços pelos quais circulamos todos os dias e com os outros com os quais partilhamos esse mundo comum.

A arquitetura, portanto, é democrática, está colocada, é uma parte de cada indivíduo e do outro, assim como representa o que já foi e pode conter o que está por vir. E deste modo é vigorosa, potente, como dispositivo de formação que aciona lembranças, suscita memórias e narrativas, desperta curiosidades, gera expectativas e nos coloca em movimento, pelas perguntas que chamam por respostas. Memórias que nos atingem como legado da tradição e como desafio para, com o que temos à mão no presente, construir o projeto de futuro.

Na perspectiva da Hermenêutica Filosófica esse construir, ou o processo de formação, é caminho por fazer; em que estamos autorizados e convocados a ressignificar, abrir possibilidades, criar novos sentidos para o ser/ fazer docente.

## **6 Considerações finais**

A *Tríplice Mímesis* de Ricoeur e as relações que o autor construiu com a arquitetura, evidenciando suas potencialidades narrativas, nos convidaram a olhar para a arquitetura como abrigo de todos nós, como vestígio da presença humana, como espaço que guarda uma memória que tem muito a nos ensinar e a contribuir com a formação docente porque diz respeito ao modo como habitamos o mundo. Pelo olhar e pela ressignificação da arquitetura como vestígio do habitar, tentamos abordar outras questões, construir novos sentidos, sobre o que entendemos como formação de professores, balizados pela definição e apreensão do conceito de Experiência Hermenêutica que tem como modelo a Experiência Estética.

A abertura à interpretação e o potencial, por meio da reconfiguração do espaço, de cruzar passado, presente e futuro coloca a arquitetura como um lugar profícuo para se pensar a formação de professores, como espaço de Educação e como potente disparador para se abordar a formação de professores de maneira integral, levando em conta tanto as marcas do passado, presentes nas edificações, como as possibilidades de reflexão sobre o presente ou sobre as expectativas acerca do futuro. Neste contexto reflexivo, o professor pode formar-se a si mesmo no dia a dia da sala de aula e pelas trocas que realiza com os outros e com o mundo.

Podemos pensar aqui em uma sala de aula ampliada, ressignificada, porque somos no mundo e este mundo é sempre aprendizagem, hermenêutica, ressignificação, é sala de aula da vida que como todo espaço contém, restringe, define limites, ao mesmo tempo em que nos apresenta uma pluralidade de possibilidades, infinitos caminhos e maneiras para a construção do nosso ser-no-mundo.

Por fim, este artigo, para além de apontar para a necessidade de um olhar mais sensível para a arquitetura, por parte da educação, no que diz respeito a uma formação que se dá de maneira espiral e crescente, tendo a hermenêutica como aliada e movedora dos professores, enfatiza a importância de uma maior permeabilidade da filosofia na

Educação, como aponta Hermann (2016). Neste sentido, a filosofia tem muito a contribuir nas discussões sobre o formar-se professor porque é um lugar que desacomoda, incentivada diálogos constantes, a formulação de perguntas e oportuniza encontros, discussões com grandes pensadores que como Ricoeur e Gadamer estabelecem sempre um convite para a reflexão e para se pensar a docência.

### Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ARISTÓTELES. **Da arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. [**Millenium - Revista do ISPV**, n. 36, maio 2009]. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium36/3.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e método**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- HERMANN, N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HERMANN, N. **Pesquisa educacional e filosofia da educação**: busca de permeabilidade. Curitiba, PR: AMPED SUL, 2016.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, P. Arquitectura y narratividad. **Arquitectonics. Mind, Land & Society**, Barcelona: Edicions UPC, 2002.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa 1**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ZUMTHOR, P. **Pensar a arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

### Notas

---

<sup>i</sup> A palavra arquitetura neste artigo refere-se tanto a edifícios isolados como ao conjunto de edifícios que compõem a cidade. Diz respeito, de uma maneira geral, a qualquer vestígio de construção deixado no mundo pelo homem.

<sup>ii</sup> O texto que segue neste item foi todo baseado no artigo, publicado em espanhol, escrito por Paul Ricoeur para a Revista *Arquitectonics* (RICOEUR, 2002).

## **Sobre os autores**

### **Josicler Orbem Alberton**

Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Arquitetura e Urbanismo (2003) pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2006) pela mesma Instituição. É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Maria (2016) — Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional — e coordena, junto com outros professores, o Laboratório de Paisagem e Arquitetura (PARQUI) do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM, Campus Sede. É membro do Grupo de Pesquisa Paisagem, Arquitetura e Imaginários (PARQUI), do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) — ambos na UFSM — e do Grupo de Pesquisa Representações: Imaginário e Tecnologia (RITE) — Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [josicler.alberton@ufsm.br/](mailto:josicler.alberton@ufsm.br/)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8645-2013>

### **Patrício Ceretta**

Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009), com habilitação nas áreas de Sociologia, Psicologia e História. Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (2010). Tem experiência como Educador Social. Exerce atividades de formação e assessoria a grupos juvenis, organizando seminários, encontros, palestras, oficinas. Elabora projetos na área social. Mestre em Educação e Doutorando em Educação — Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional — pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [patricioceretta@yahoo.com.br/](mailto:patricioceretta@yahoo.com.br/)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1703-7005>

### **Luiz Gilberto Kronbauer**

Graduado em Filosofia pela FAFINC (1982), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1986) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Coordenou os Cursos de Graduação em Filosofia da Unisinos e do Unilasalle, de 1994 a 2000. Atuou como professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação — Mestrado — do Unilasalle. Atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, lotado no Departamento de Fundamentos da Educação. Coordenou o Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional - Graduação. É Professor do PPG — Educação do Centro de Educação da UFSM e Pesquisa acerca das implicações epistemológicas e éticas da educação - Epistemologia e Educação e desenvolve pesquisa sobre Formação de Professores de Filosofia e a Percepção dos estudantes do Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional acerca das necessidades, da importância e das implicações epistemológicas e metodológicas da formação docente para atuação na

Educação Profissional. Tem larga experiência na área de Filosofia, com ênfase na Ética Clássica e interfaces entre filosofia e educação, ética e gestão. Referenciais: dialética, fenomenologia e hermenêutica. E-mail: gilberto.kronbauer@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5470-0358>

### **Valeska Maria Fortes de Oliveira**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (1986), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1990) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995). Realizou o Pós-Doutorado na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Buenos Aires, Argentina (2007). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), criado em 1993 e consolidado no CNPq. Realiza junto com o Grupo GEPEIS projetos de Formação Cultural no âmbito da UFSM e fora dela: Ouvindo Coisas: outras formas de estar juntos e Cirandas do Imaginário. Foi bolsista de Produtividade em Pesquisa no CNPq até 2012. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Educação da UFSM, desde 1997. Coordena a Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM. Pesquisa e desenvolve estudos e investigações no campo do Imaginário Social com o foco nas narrativas de vida de professores, no cinema e na formação docente. Integra a Rede Latino-americana de Cinema e Audiovisual - KINO. Parecerista ad hoc do GT08 Formação de Professores. Coordena no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria, convênios com a Argentina, o México e Chile e participa como integrante da Associação de Universidades Grupo Montevideo no Núcleo Disciplinar Educação para a Integração. É membro da Associação Iberoamericano de Docência Universitária (AIDU) e da Rede Sulbrasileira de Investigadores da Educação Superior (RIES). Pesquisadora da Rede GEU UFSM - Grupo de Estudos sobre Universidade / UFSM. Membro da Associação Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (Biograph). E-mail: [vfortesdeoliveira@gmail.com/](mailto:vfortesdeoliveira@gmail.com/)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>

Recebido em: 08/08/2019

Aceito para publicação em: 17/08/2019